



Piscicultura

Mercado de peixes

Workshop em Piracicaba discute potencial inexplorado do setor de pescados no país

MARCELO ROCHA

Da Gazeta de Piracicaba

marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

O Brasil tem mais de cinco milhões de hectares de água doce represada, é o segundo maior produtor de grãos do mundo, o que o torna um dos maiores produtores de ração do planeta, possui 11 centros de pós-graduação em aquicultura (criação de peixes), mas, mesmo assim, em 2014 o país precisou importar US\$ 1,5 bilhão em pescados. A afirmação, sobre a produtividade do setor de produção de peixes no país, é de Daniel Sonoda, gestor do Instituto de Pesquisa em Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (I-Pecege). E foi feita ontem, no primeiro dia do CEU! Workshop Cooperação Entre Empresa e Universidade - Os Desafios da Indústria do Pescado.

O evento, que é organizado pelo I-Pecege (grupo de extensão da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Esalq) e que prossegue hoje, no Hotel Beira Rio, reúne atores do setor de piscicultura como empresas (das áreas de produção, de processamento, de ração, de medicamentos), representantes de universidades e de institutos de pesquisa.

Mesas, rodadas de negócios, palestras e a prática do network estão aproximando os agentes envolvidos no encontro, comenta Sonoda. "Não queremos que isso aqui seja um monólogo", diz.

O Brasil tem um enorme potencial - condições de clima, produção, de pesquisa - para suprir os mercados nacional e internacional, mas isso não está acontecendo como deveria, observa Sonoda. "Tudo bem, a gente pode importar tudo isso, mas tínhamos que exportar mais US\$ 2 bilhões. O déficit da balança comercial brasileira é de US\$ 1,4 bilhão", analisa.

O mote do workshop, resume Sonoda, é articular a iniciativa privada, o setor público, a academia e o terceiro setor para "discutir como se une a necessidade das empresas com a pesquisa".

"Porque aqui no Brasil, a pesquisa é, geralmente, feita pelas instituições públicas. Mas a iniciativa privada tem muita necessidade de pesqui-

sa e esse elo de ligação não é claro", analisa Sonoda.

De acordo com o gestor do I-Pecege, o setor brasileiro de pescados "está adormecido", precisa buscar soluções para se tornar mais produtivo e rentável. "Ainda dá para crescer muito", afirma.

Hoje, diz Sonoda, a produção anual de pesca (em água doce e no mar) do Brasil está em torno de 800 mil toneladas. E a criação de peixe confinado, que é o agronegócio, responde por mais ou menos 400 mil toneladas. "Ou seja, a produção nacional anual é de cerca de 1.200 toneladas. Mas a pesca não cresce mais, o que vai crescer é a piscicultura, que, segundo previsões, terá 200 mil toneladas a mais nos próximos anos", afirma. "Isso, porém, ainda não supre a nossa necessidade de importação. A gente produz 1.200 toneladas, mas importamos 400 mil toneladas", compara.

O Brasil importa peixes que basicamente não são produzidos no país, especialmente o salmão e o bacalhau. "Em termos de volume financeiro, são os maiores produtos. Só de salmão, o Brasil importou, em 2014, mais ou menos R\$ 1 bilhão, e de bacalhau perto de R\$ 700 mil", declara.

PALESTRA

Uma das atividades de ontem foi a palestra A lei do bem e o financiamento da pesquisa científica, que foi ministrada por Aristeu Gomes Tininis, representante do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) - que é coordenador de Incentivos ao Desenvolvimento Tecnológico.

Em sua apresentação, ele listou os benefícios às empresas que aderem à lei do bem - que oferece incentivos fiscais àquelas que investem em inovação tecnológica. "Por exemplo, há redução de 50% de IPI (Imposto Sobre Produtos Industrializados) para bens destinados à pesquisa e desenvolvimento", destaca.

"As empresas precisam entender que os incentivos fiscais são destinados a apoiar o esforço próprio delas, tendo em vista o risco tecnológico envolvido em atividades de pesquisa e desenvolvimento, e não são destinados apenas a reduzir carga tributária", comenta o especialista.



Aristeu Gomes Tininis, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), ministra palestra no evento